

## Entre a ficção e a História: círculos de leitura na escola!

Ana Maria Silva Figueira

Jenny Iglesias P. Fernandez

E se pudéssemos viajar no tempo e acompanhar a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808? Parece (im)possível mas o convite para viver uma expedição literária e fantástica foi aceito pela turma 1801 e, então, iniciamos um círculo de leitura guiados pela obra *Ludi na chegada e no bota-fora da Família Real*, de Luciana Sandroni.

Na mediação deste livro, participaram as professoras de História e de Sala de Leitura que, já no primeiro encontro, explicaram o objetivo principal daquelas rodas: valorizar o propósito coletivo e integrador da leitura enquanto prática social. Ao longo de 04 (quatro) meses, foram muitas as estratégias de leitura utilizadas para que os estudantes tomassem consciência dessa experiência estética construída, diariamente, no fazer pedagógico com o comprometimento de todos os segmentos da unidade escolar.

A narrativa escolhida é um dos vários títulos que fazem parte do acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal Francisco Cabrita e soma mais de 30 exemplares, garantindo que todos possam manusear e ler a obra juntos. Pensando que a quantidade faz a diferença, também podemos afirmar o mesmo em relação à qualidade literária do texto selecionado que compõe o quarto da série “Ludi” composta por (06) seis livros destinados ao público infantojuvenil.

O livro apresenta as aventuras da família Manso protagonizadas pela caçula Ludi, herdeira do espírito questionador e irreverente de Emília, aquela boneca-gente tão presente em nosso imaginário. Os personagens voltam ao passado depois que uma forte ventania os arrasta para o outro lado do Arco do Teles, como aconteceu em *Ludi na Revolta da Vacina*<sup>1</sup>. E eles chegam justamente no dia pensado, naquele 08 de março de 1808:

-Chegamos na data certa! – gritou dona Sandra.

-Acertamos na mosca! Que sorte!

Aquilo realmente era um feito extraordinário. No seriado americano, Túnel do Tempo, os heróis sempre “caíam” em datas históricas importantíssimas e nunca em dias normais em que absolutamente nada acontece. Pelo visto, o Arco do Teles também era sempre ali, na batata do momento histórico. (SANDRONI, 2008, p. 40)

---

<sup>1</sup> *Ludi na Revolta da Vacina – uma odisseia no Rio Antigo* (1999), publicação anterior.

Depois que nós, professoras, nos apropriamos da ficção e planejamos como seriam os círculos de leitura, apresentamos à turma os elementos pré-textuais e pós-textuais que compunham a perigrafia do livro: capa e quarta capa, título, ilustrações, selo recebido, bibliografia consultada, dados biográficos sobre a autora e o ilustrador. Apoiadas nos estudos do crítico francês Gérard Genette, compreendemos a força discursiva que cada paratexto pode representar numa narrativa, contribuindo, largamente, para a compreensão discursiva.

Ainda neste momento de predição, acionamos os conhecimentos prévios dos alunos sobre o contexto sócio-histórico daquela época e conversamos sobre os hábitos e os costumes do Brasil colonial e as suas relações com Portugal. Com a “mala pronta”, iniciamos a leitura do primeiro capítulo indicando para o grupo a importância de ler em silêncio e individualmente antes de lermos em voz alta. Considerando o ritmo de cada leitor e elegendo a compreensão textual como alvo, recorremos à pesquisa de Isabel Solé como aporte teórico:

Se se trata de compreender um texto, o aluno deve ter a oportunidade de lê-lo com essa finalidade; neste caso, deve haver uma leitura individual, silenciosa, permitindo que o leitor siga seu ritmo, para atingir o objetivo “compreensão”. Não se pode esperar que a atenção dos alunos (especialmente nas etapas iniciais de aprendizagem da leitura) possa distribuir-se da mesma maneira entre construção do significado e a necessidade de oralizar bem. (SOLÉ, 1998, p. 99)

Nesta primeira etapa, objetivamos propiciar ao grupo uma maior familiaridade com as palavras, além de garantirmos um momento de troca e de intimidade entre texto, leitor e autor. Assim, diminuimos a pressão que muitos alunos sentem quando chega a hora da leitura oralizada, e de alguma forma, lidamos com a resistência e as dificuldades de alguns estudantes que demonstraram certo desconforto para realizar a leitura em voz alta.

Após algumas semanas, o “ritual da leitura” já havia se consolidado com o espaço organizado em círculo e com a distribuição dos exemplares feita pelos próprios alunos. Sempre retomávamos os acontecimentos anteriores, e iniciávamos com a leitura silenciosa, seguida da leitura em voz alta a partir das inscrições voluntárias. Entremeávamos a mediação com o apoio de pequenos vídeos que contextualizavam os fatos históricos apontados pela narrativa, tendo a produção audiovisual como suporte para a ampliação dos conhecimentos acessados.

Ao longo dos encontros, ensinamos a localizar as pistas que o texto oferecia para a construção de sentidos. Ativamos os saberes de mundo dos alunos-leitores bem como o conhecimento textual e linguístico compartilhados em roda. Explicamos para o grupo, por exemplo, que a seleção vocabular é fundamental para a compreensão da narrativa e que há uma intencionalidade em todo discurso, e por isso, as palavras são cuidadosamente escolhidas para descrever os elementos da narrativa.

Instigamos a turma a criar hipóteses para mais à frente confirmá-las ou não, a levantar suposições capazes de completar as lacunas do texto. Procurávamos nomear nossas ações objetivando instrumentalizar os alunos a partir de estratégias de leitura que pudessem ser aplicadas nos mais variados gêneros textuais. De forma resumida e ilustrativa (quadro 1), elencamos, a seguir, as etapas da nossa prática tendo como base teórica os estudos da professora Maria Teresa Tedesco (2013, p. 11):

**Quadro 1 – Estratégias de leitura**

ESTRATÉGIAS DE LEITURA	QUESTÕES-GUIA DURANTE A LEITURA
<b>SELEÇÃO</b>	Que informações são mais relevantes? Quais fatos históricos são apresentados? Quais palavras são desconhecidas?
<b>PREDIÇÃO</b>	O que se pode antecipar sobre o contexto abordado pela narrativa? Sobre este assunto, o que vocês (alunos) sabem?
<b>CONSTRUÇÃO DE HIPÓTESES</b>	A partir do texto e das ilustrações, sobre o que poderia tratar o próximo capítulo? Do que é possível suspeitar?
<b>INFERÊNCIA</b>	Quais são os conhecimentos implícitos que estão em jogo? E a ironia, podemos perceber? O que está nas entrelinhas?
<b>AUTOCONTROLE</b>	Como podemos nos apropriar do texto e responder às hipóteses lançadas?
<b>AUTOCORREÇÃO</b>	As hipóteses foram confirmadas ou não? Que outras suposições podemos construir?

**Fonte: Pesquisa das autoras**

Aos poucos, o modo de ler foi sendo internalizado pelos alunos que começaram a se voluntariar para ler, uns liam mais, outros, se encorajavam em trechos bem pequenos, no entanto, o movimento de leitura e de escuta foi se transformando numa atividade já esperada com ansiedade, nas manhãs de encontro que literalmente “sextavam”.

Ancorados no sentimento de pertencimento gerado pela leitura coletiva, construímos laços que nos identificou como um grupo coeso e imerso numa experiência artística, e sobretudo, humana, tão delicadamente entremeada pela literatura que recria e reelabora o real.

Numa perspectiva interdisciplinar, passeamos pela história do Rio Antigo e pela geografia de uma colônia escolhida pela monarquia portuguesa que fugia dos exércitos de Napoleão. A matemática esteve conosco todo o tempo pois algumas vezes nos perguntamos há quanto tempo a Corte tinha desembarcado nas águas da Baía de Guanabara. E os números romanos para representarem os séculos e as dinastias? De vez em quando, foi preciso lembrar o valor do X, do V, e assim por diante...

E sobre as vestimentas e os hábitos da nossa gente que se preparou e se enfeitou para receber a Família Real? Rimos das cabeças raspadas por causa da infestação de piolhos que acometeu muitas pessoas da Corte, durante a travessia do oceano, inclusive, Dona Carlota, que chegou ditando a moda de usar turbantes. Seria costume usar o adorno na Europa? – perguntavam-se os colonos. Em um pacto entre o leitor e o texto, circundados pelo tempo presente, nos divertimos com esta situação!

A linguagem bem-humorada da narrativa empreendeu um ritmo leve aos nossos círculos de leitura. Como não perceber a ironia fina nos diálogos entre Ludi e *Carlotinha*? A julgar pelo nível de intimidade, já podemos imaginar que a princesa do Brasil, a mesma que não teria levado nem o pó de nossa terra em sua partida, também não levou o celular da família Manso, já que a caçula espevitada não permitiu. A leitura das falas mal-criadas de Carlota Joaquina, em espanhol, arrancou risadas dos leitores cada vez mais envolvidos com os acontecimentos da ficção que revisitou com criticidade alguns momentos importantes do nosso passado:

-Seu Marcos, não existe uma lei que livrou os velinhos da escravidão?

-A Lei dos Sexagenários! – gritou Rafa, o geniozinho da família.

-Lei do quê?! – perguntou o velinho meio surdo. - Lei dos Sexagenários, meu senhor – disse dona Sandra. – É uma lei cruel. Depois de superexplorar uma pessoa a vida inteira, na hora em que ela já está cansada e não rende tanto, dão a liberdade para ela. (SANDRONI, 2008, p. 39)

Diante de uma temática histórica, lemos o texto de Sandroni instigados pelas reflexões costuradas pela narrativa que ora trazia a história inventada, ora revelava o retrato do Brasil daquela época. Passamos com repúdio pela escravidão longeva e cruel em nosso país, compreendemos a dependência comercial e política da colônia que não

pôde criar escolas e universidades até a chegada de Dom João VI, afiamos o nosso olhar para pensar sobre a cerimônia do “beija-mão”, que ironicamente, na visão do narrador, teria deixado como herança as filas de hoje com suas infindáveis exigências burocráticas, e ainda, questionamos a inscrição PR, as iniciais de Príncipe Regente, marcadas nas portas dos cariocas que eram obrigados a ceder sua moradia para a Corte que se instalava.

Para além do que a obra propunha, refletimos sobre os impactos gerados pela chegada e pelo “bota-fora” da Família Real, e traçamos uma linha do tempo até chegarmos ao bicentenário da Independência do Brasil, celebrado nesse sete de setembro de 2022. Caminhamos por esse atribulado período, conversamos sobre alguns acontecimentos históricos que estão nos livros didáticos mas também pensamos sobre “a história que a história não conta”<sup>2</sup>, tudo motivado pela ficção lida, acrescidos pelo o que a literatura pode oferecer como patrimônio cultural.

Para coroar os nossos encontros, recebemos em nossa escola a própria autora que leu conosco o último capítulo do livro e nos falou sobre a sua produção literária e a construção dos personagens, além de realçar as fontes de pesquisa para a escrita das suas obras. Ao responder às perguntas atentas de um público em formação, Luciana Sandroni revelou que a próxima aventura de Ludi será para o futuro. Já reservamos o nosso bilhete de partida!

Ao longo do processo, valorizamos a atividade de ler em grupo pois entendemos que formamos uma comunidade de leitores capaz de convergir, mas também, de divergir da interpretação dos textos, ampliando, assim, o repertório dos participantes. Para Rildo Cosson, “os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra” (2020, p. 139).

Assim, partindo do pressuposto que os círculos de leitura configuram uma atividade de letramento literário concebida como “apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas” (COSSON, 2021, p. 11) e que cada vez mais ocupam espaço privilegiado nas escolas, defendemos o ensino da literatura e das estratégias de leitura no Ensino Básico, objetivando a formação de leitores proficientes e autônomos.

---

<sup>2</sup> Referência ao enredo *Histórias para ninar gente grande*, vencedor do Carnaval carioca de 2019 pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

**Referências:**

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2021.

SANDRONI, Luciana. *Ludi na chegada e no bota-fora da Família Real*. Rio de Janeiro: Manati, 2008.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tradução de Cláudia Shilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEDESCO, Maria Teresa Villardo Abreu. *Leitura, Escrita e análise linguística: alguns pressupostos teórico-metodológicos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2013. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/?cid=09A0409FEB089278&id=9A0409FEB089278%21262&parId=9A0409FEB089278%21731&o=OneUp>>. Acesso em: 04 set. 2022.